

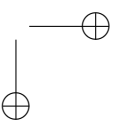
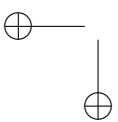
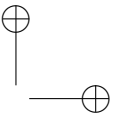
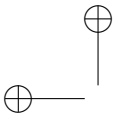
**Viagens filosóficas: de que  
nos serve subir à torre?**

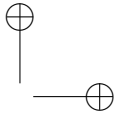
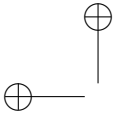


Margarida Amaral

2019

[www.lusosofia.net](http://www.lusosofia.net)





LUSOSofia:press

Covilhã, 2017

FICHA TÉCNICA

Título: *Viagens filosóficas: de que nos serve subir à torre?*

Autor: Margarida Amaral

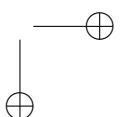
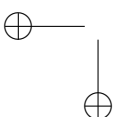
Colecção: Artigos LUSOSOFIA

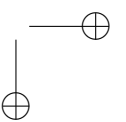
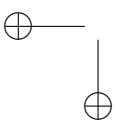
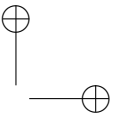
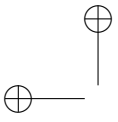
Design da Capa: António Rodrigues Tomé

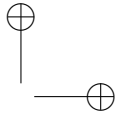
Composição & Paginação: Filomena S. Matos

Universidade da Beira Interior

Covilhã, 2019







# Viagens filosóficas: de que nos serve subir à torre?

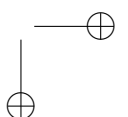
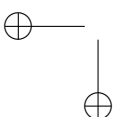
**Margarida Amaral\***

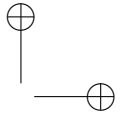
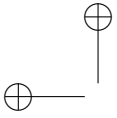
## Índice

1. De que é feita [a torre de Hans]?	5
2. Sobre o que está construída [a torre de Hans]?	6
3. Como [é que Hans subiu] até [à torre]?	8
4. E a sua clara atalaia, para que [lhe] serve ela senão para olhar para o vale?"	9

---

\*Universidade Católica Portuguesa / Centro de Filosofia, Universidade de Lisboa.



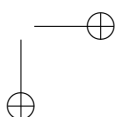
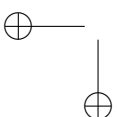


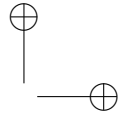
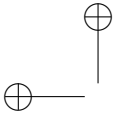
“«Que profundo está o mundo a meus pés!  
Quase não vejo como se movem em baixo os minúsculos  
homens.  
Como me eleva a minha arte, a mais bela de todas as artes,  
até à abóbada celeste!»  
Assim exclama do alto da sua torre  
o pequeno grande homem,  
Hans, o metafísico, no seu escritório.  
Diz-me, pequeno grande homem:  
a torre donde tão altivo olhas,  
De que é feita? Sobre o que está construída?  
Como subiste até ela? E a sua clara atalaia,  
para que te serve ela senão para olhar para o vale?”<sup>1</sup>

Neste poema de Schiller, encontramos Hans, um “pequeno grande homem”. Trata-se de um metafísico que sobe à sua torre e se deslumbra com a pequenez do mundo e dos homens, quando comparados à enorme elevação da sua torre e de si próprio. Por isso ele se sente tão grande! Mas, pobre Hans... As perguntas derradeiras do poema revelam que afinal ele é pequeno... De que é feita a sua torre? Quais são as suas fundações? Como terá Hans subido até ela? E, finalmente, de que lhe serve subir à torre? Às primeiras três questões não nos é dada uma resposta, embora a possamos adivinhar: a torre de Hans, o metafísico, não é construída com materiais sólidos; as fundações desta torre torná-la-ão para sempre frágil; Hans afinal não subiu à torre que pensava. Quanto à última questão, a resposta surge com clareza: só vale a pena subir à torre de vigia se estivermos dispostos a olhar para o vale.

Diversos são os ensinamentos contidos neste poema a respeito da actividade filosófica. Procurarei esclarecê-los a partir das quatro questões enunciadas no próprio poema.

<sup>1</sup> Schiller, in Daniel Innerarity, *A filosofia como uma das belas-artes*, Lisboa, Teorema, 1996, p. 158.





## **1. De que é feita [a torre de Hans]?**

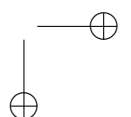
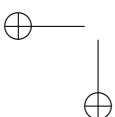
A torre de Hans, pretendendo-se filosófica, não pode ser construída com materiais sólidos. Isto significa que, ao contrário do que as ciências ambicionavam na idade moderna (e será que não ambicionam ainda hoje?), a filosofia sabe-se presa ao domínio do possível e não ao da certeza.

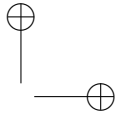
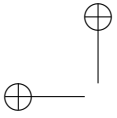
As respostas filosóficas, com a sua estrutura argumentativa, são experimentos de pensamento em que se pretende uma aproximação à verdade, mas nos quais não faz qualquer sentido ter a ambição da sua posse. O filosofar é, na sua etimologia, amar a sabedoria. Ora, não se ama autenticamente nada se possuímos, ou sequer se pensamos possuir, o objecto amado. Nesse sentido, o filósofo é como que um amante a caminho da sua amada, isto é, ele está na senda do saber, procurando traduzir nos seus discursos argumentativos a possibilidade de uma verdade. Por isso, o filósofo trabalha sobre o possível, mas não apresenta certezas, além de que o seu objecto, que é afinal toda a realidade, é suficientemente amplo e complexo para não permitir evidências inquestionáveis.

Estes caminhos do possível por onde o filósofo se move, e que não permitem que a sua torre seja construída com materiais sólidos, evidenciam por si só a ausência de certezas implicada na natureza da actividade filosófica. No entanto, a origem deste caminhar pode tornar ainda mais clara esta ausência. Qual a razão desta aventura filosófica pelo universo de possibilidades de verdade? Podemos encontrar esta origem nos próprios problemas filosóficos que, em virtude de não se aquietarem com respostas alegadamente certas, surgirão sempre aos homens enquanto estímulo das suas respostas possíveis.

Bertrand Russell refere-se a esta “natureza problemática” da filosofia:

“(…) a filosofia deve ser estudada, não por virtude de resposta precisa que faculte aos problemas que ela própria e-





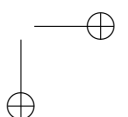
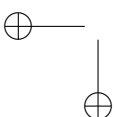
voca – pois que resposta alguma precisa pode, por via de regra, ser conhecida como verdadeira, – mas sim por virtude desses próprios problemas; porque estes ampliam as concepções que temos acerca daquilo que é possível; porque opulentam a imaginação intelectual do homem; porque fazem diminuir a arrogância dogmática que cerra à especulação o nosso espírito; e acima de tudo pelo motivo de que, pela grandeza do mundo, que a filosofia contempla, resulta engrandecido e sublimado o espírito, tornando-se capaz dessa união com o universo em que consiste afinal o seu bem supremo.”<sup>2</sup>

Neste excerto, Bertrand Russell apresenta os problemas como razão de ser da aventura filosófica pelos domínios do possível. Afinal, são eles que: pela sua abertura, estimulam a nossa imaginação; pela sua grandeza, nos levam a assumir a humildade intelectual tão importante para o trabalho filosófico; pela amplitude do objecto de estudo da filosofia, sobre o qual tais problemas reflectem, nos aproximam da grandeza do universo. Tal grandeza não corresponde à torre que Hans pensa ter subido – uma torre alegadamente construída com materiais sólidos. Pelo contrário, a grandeza do autêntico filósofo advém-lhe do facto de ele não a reconhecer em si mesmo. Por caminhos sem fim à vista, ele limita-se a intentar humildes buscas.

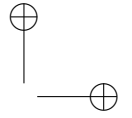
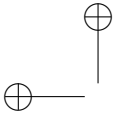
## 2. Sobre o que está construída [a torre de Hans]?

As referências à duplicidade entre a nossa “vida real” e a nossa vida como seres que se dedicam ao pensamento especulativo não são incomuns. Segundo menciona Hannah Arendt, Valéry expressa bem esta duplicidade, afirmando que “por vezes penso e por vezes sou”,

<sup>2</sup> Bertrand Russell, *Os problemas da Filosofia*, Coimbra, Almedina, 2001, p. 151.





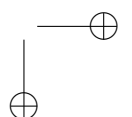
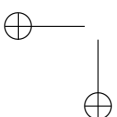


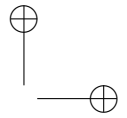
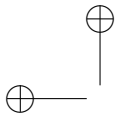
como se a existência no mundo tivesse de ser alternada com a nossa experiência pensante. Hannah Arendt refere-se ainda a Sócrates e ao facto de, segundo conta Xenofonte, o filósofo ter permanecido imóvel durante 24 horas enquanto pensava.<sup>3</sup> Efectivamente o pensar exige uma espécie de paragem nas actividades quotidianas (daí o “parar para pensar”) ou, pelo menos, uma suspensão das mesmas de modo que podemos continuar a praticá-las sem contudo nos darmos conta do seu processo. Em tais momentos, é como se estivéssemos abstraídos do que fazemos e nos dedicássemos apenas à actividade pensante. Nada disto nos soa estranho. O que já não parece tão óbvio é o desejo de “sair” da realidade, como se o pensar não precisasse desse cordão umbilical que nos liga a ela. Este desejo é o sonho metafísico da máxima abstracção, do pensamento mais especulativo que podemos supor, ainda que, em rigor, ninguém consiga verdadeiramente realizá-lo. Este é claramente o sonho de Hans já que ele olha para baixo, não para analisar o que vê, mas apenas para se congratular com a sua própria elevação, constatando que quase não distingue o movimento dos “minúsculos homens”. Ora, as fundações da torre de Hans são demasiado frágeis. Elas não passam de um sonho impossível de concretizar, porque o pensar exige uma relação com a realidade.

Existe uma parábola de Kafka que traduz bem este sonho:

“Ele tem dois adversários: o primeiro empurra-o de trás, desde o início; o segundo veda-lhe o caminho para a frente. Ele luta com os dois. Na realidade, o primeiro apoia-o na luta contra o segundo, pois quer empurrá-lo para a frente; do mesmo modo, o segundo apoia-o na luta contra o primeiro, pois fá-lo recuar. Mas apenas teoricamente isto se passa assim. De facto, não existem apenas os dois adversários, mas também ele próprio, e quem conhece verdadeiramente

<sup>3</sup> Hannah Arendt, *The Life of the Mind*, “Thinking“, New York, Harcourt Brace & Company, 1978, p. 197.





as suas intenções? Em todo o caso, o seu sonho é que uma vez, num momento em que não está a ser vigiado – para tal seria, no entanto, necessária uma noite, tão escura como nenhuma outra – ele consegue saltar da frente de combate, é elevado a árbitro do combate entre os dois adversários, que lutam um contra o outro.”<sup>4</sup>

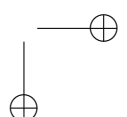
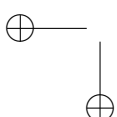
Hannah Arendt apresenta-nos esta parábola como representando a inquietação que o homem sente por estar sempre entre dois adversários – o passado e o futuro – incapaz de viver o seu presente. Somos seres constantemente interpelados pelo passado e pelo futuro, passando a vida presos às memórias ou projectados no que ainda virá, procurando adivinhá-lo. Cada um destes adversários, além disso, ajuda o “ele” na luta contra o outro. O “ele” é cada um de nós enquanto ser pensante, na medida em que, em tal situação, nos damos conta de que é a quietude do passado que nos leva a desejar o futuro e, por outro lado, é a ansiedade do futuro que nos leva a querer o sossego do passado. Não há tranquilidade neste campo de batalha desenhado por Kafka e é por isso que o “ele” tem um sonho impossível: sair do combate do tempo, que só existe enquanto permanecermos no mundo, para poder pensar.<sup>5</sup> Este é o sonho de Hans: permanecer na sua torre enquanto o mundo e os outros permanecem no vale. As fundações da torre de Hans são demasiado frágeis porque, afinal, se trata de uma torre que não passa de um sonho...

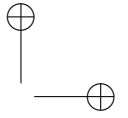
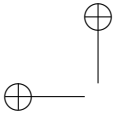
### 3. Como [é que Hans subiu] até [à torre]?

No poema de Schiller, Hans está convencido da sua elevação, mas é exactamente por isso que ele é pequeno e a qualidade da sua torre é questionada... Hans olha altivo para o mundo e para os

<sup>4</sup> Franz Kafka, *Aforismos*, Lisboa, Ulmeiro, 2001, p. 41.

<sup>5</sup> Cf. Hannah Arendt, *The Life of the Mind*, “Thinking”, New York, Harcourt Brace & Company, 1978, p. 202.



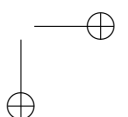
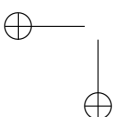


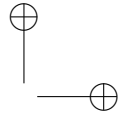
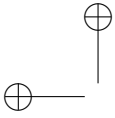
outros homens que, aos seus olhos, se tornaram pequenos. Ora, esta postura não é a mais adequada à filosofia. O filósofo é aquele cuja principal qualidade é a humildade intelectual, a qual lhe permite continuar as suas buscas, assim como apresentar uma verdade possível. Poder-se-ia até afirmar que esta humildade não se trata propriamente de uma qualidade, pois ela não é algo que o filósofo possa ter ou não ter. Pelo contrário, a humildade intelectual é inerente à actividade filosófica, de tal modo que um filósofo não pode deixar de a assumir. Não esqueçamos que a sua natureza de amante o leva a procurar incessantemente a sua amada, a qual se recusa a ser possuída. Muito provavelmente, também o filósofo não deseja esta posse porque se algum dia isso fosse possível, as suas buscas terminariam. O que seria um amante da sabedoria se ele já a possuísse? Em tais circunstâncias, amá-la-ia verdadeiramente? Deste modo, o amor à sabedoria, sendo próprio de quem a procura, é apenas possível para aquele que assume não saber, isto é, que admite que os seus experimentos de pensamento são apenas tentativas de aproximação à verdade.

A altivez de Hans revela-nos que ele não tem a humildade intelectual de quem ama a sabedoria e, assim, a procura. Pelo contrário, Hans julga possuí-la; daí a sua arrogância intelectual, daí a sua alegada elevação. Hans só pode ser alguém que subiu a uma torre errada, na medida em que concebia que esta era uma torre filosófica.

#### **4. E a sua clara atalaia, para que [lhe] serve ela senão para olhar para o vale?”**

Podemos admitir que também o filósofo sobe a uma torre: esta pode ser uma bela metáfora para a suspensão que o filósofo realiza relativamente às actividades quotidianas. Além disso, esta metáfora pode ainda ilustrar a necessidade de, depois de olhar a realidade, o filósofo ter de se distanciar dela para melhor a perspetivar





e para encontrar o seu próprio modo de filosofar. Estas, sim, são actividades adequadas a desenvolver numa torre filosófica!

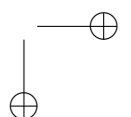
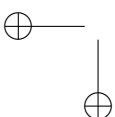
Filosofar é dedicar um olhar atento à realidade. Este olhar, contudo, tem a exigência da perspectivação, e portanto da criação de uma distância adequada para ver melhor. Heidegger traduz bem esta ideia de que a distância é necessária à aproximação, quando afirma: “Distanciar é, de início e sobretudo, uma aproximação dentro da circunvisão, isto é, trazer para a proximidade no sentido de providenciar, aprontar, ter à mão.”<sup>6</sup> Neste caso, tal distanciamento surge em nome da própria compreensão da realidade. A torre filosófica pode constituir-se então como uma metáfora para a criação desta distância. Lá do alto, o filósofo olha melhor o vale porque tem dele uma visão mais ampla do que teria se nele se situasse. Podemos, contudo, ir um pouco mais longe. A saída do filósofo para a torre pode também representar a necessidade de se distanciar dos preconceitos instituídos que se partilham no vale, bem como das ideias dos outros filósofos. Mesmo que se alimente dessas ideias, um filósofo não se limita a subscrever, papagueando, o que um outro pensa. Há que criar um pensamento próprio e um discurso que lhe faça justiça. Este gesto representa um desprendimento em busca de uma autenticidade no pensar e na linguagem que o traduz. Cada forma de pensamento e cada tipo de discurso, para serem filosóficos, devem partir de alguém capaz de olhar a realidade, de a ver de vários ângulos e ainda de assumir a coragem de pensar por si mesmo.

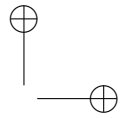
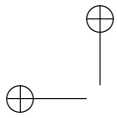
Karl Jaspers refere-se, de uma forma singular, a este olhar perspectivado sobre a realidade e simultaneamente dela desprendido:

“O filósofo, depois de se ter orientado na terra firme – a experiência realista, as ciências particulares, a metodologia e estudo das categorias – e de ter percorrido por tranquilas sendas o mundo das ideias, chega aos confins dessa terra e,

---

<sup>6</sup> Martin Heidegger, *Ser e Tempo*, Petrópolis, Vozes, 1995, parte I, p. 153.



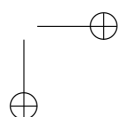
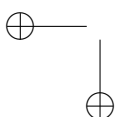


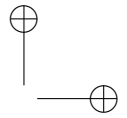
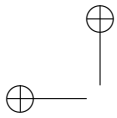
qual borboleta que quisesse fazer-se ao largo, esvoaça por fim à beira-mar, tentando enxergar um navio onde embarque para a descoberta e exploração da unidade que está presente como transcendência na sua existência. À espreita da nave – o método do pensamento filosófico e da orientação filosófica da vida, que avista e todavia não alcança definitivamente, não se poupa a esforços e porventura às mais bizarras cabriolas.”<sup>7</sup>

Nestas expedições filosóficas o filósofo tem de se afastar da terra firme, do vale onde vive, da realidade, em busca da sua própria autenticidade. Esta procura, diz-nos Jaspers, justifica-se em nome de um “método” para pensar, mas ainda no sentido de encontrar uma “orientação filosófica da vida”. Só o filósofo pode intuir como a filosofia interfere no modo como escolhe viver. O amor ao rigor dos conceitos, a tendência para a perspetivação, a profundidade de que se envolvem os seus discursos, são características que podemos descobrir no próprio quotidiano destes amantes do saber!

O distanciamento implicado nestas expedições pode muito bem aceitar como metáfora a subida à torre filosófica. Assim, além da resposta imediata à última questão do poema de Schiller, isto é, de que só faz sentido subir à torre se for para olhar para o vale, acrescentar-se-ia a ideia de que tal subida igualmente se justifica em nome do encontro com a própria autenticidade do pensar e da linguagem, que o filósofo procura. Contudo, tais expedições não fariam ainda sentido se o filósofo permanecesse para sempre encerrado na sua elevada solidão pensante. Isso significa que, além de olhar o vale e de dele se distanciar, tanto para o ver melhor como para encontrar a sua autenticidade, o filósofo tem de regressar ao vale enquanto ponto de partida de todas as suas viagens. Tal regresso está implicado na partilha, com os outros, dos pensamentos

<sup>7</sup> Karl Jaspers, *Iniciação Filosófica*, Lisboa, Guimarães Editores, s.d., pp. 124-125.





próprios. O regresso ao vale será sempre o movimento que o filósofo tem de realizar para considerar diferentes formas de pensar e ainda para submeter à consideração dos outros aquilo que ele próprio pensou individualmente. Os diálogos socráticos são uma boa inspiração para a justificação da importância deste regresso. Karl Jaspers evidencia também esta importância quando afirma:

“O que para mim adquire pela meditação, se fosse tudo, seria em vão. O que se não consuma na comunicação é inexistente, o que em última instância nela não se radica não tem fundamento suficiente. A verdade começa a dois”.<sup>8</sup>

Não obstante a importância da meditação solitária, a borboleta das expedições de Jaspers não descarta o regresso à terra firme para comunicar as conclusões, ainda que sempre provisórias, a que chegou. Assim também o filósofo que sobe à tua torre sabe que esta se trata de uma morada sempre provisória, pois tem de assumi-la alternadamente com o próprio vale.

A torre filosófica é então uma torre firme e mais do que sonhada, não porque seja construída com materiais sólidos, mas porque, enquanto houver realidade para pensar, o homem jamais deixará de a procurar. É também uma torre que se sobe humildemente, sem a pretensão de possuir a sabedoria e de a apresentar sob a forma de verdade. Finalmente, é uma torre que só interessa subir se estivermos dispostos a verdadeiramente olhar o vale, perspectivando-o e a ele descendo para partilhar com os outros a autenticidade dos nossos experimentos de pensamento. Definitivamente, esta não é a morada de Hans, o metafísico.

---

<sup>8</sup> Karl JASPERS, *Iniciação Filosófica*, Lisboa, Guimarães Editores, s.d., pp. 118-119.

